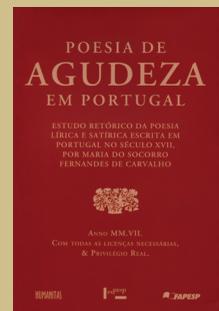


ROBERTO ACÍZELO DE SOUZA

Sobre a poesia de aguudeza

A poesia produzida em Portugal durante o século XVII há muito tempo se tornou praticamente inacessível. E isso não só pelas dificuldades de leitura dos textos, que se tornaram bastante estranhos para as concepções que

norteiam nosso modo de ler poesia pelo menos desde o século XIX. Soma-se a isso a carência de fontes materiais disponíveis, quer por sua permanência em versões manuscritas conservadas em bibliotecas portuguesas, quer pela raridade bibliográfica em que se transformaram as duas grandes coletâneas que recolheram a produção poética seiscentista já no século XVIII: *A Fênix Renascida* (1716-28, com 2ª ed. em 1746) e o *Postilhão de Apolo* (1761-62).



Poesia de Agudeza em Portugal; Estudo Retórico da Poesia Lírica e Satírica Escrita em Portugal no Século XVII, de Maria do Socorro Fernandes de Carvalho, São Paulo, Humanitas/Fapesp/Edusp, 2007, 430 p.

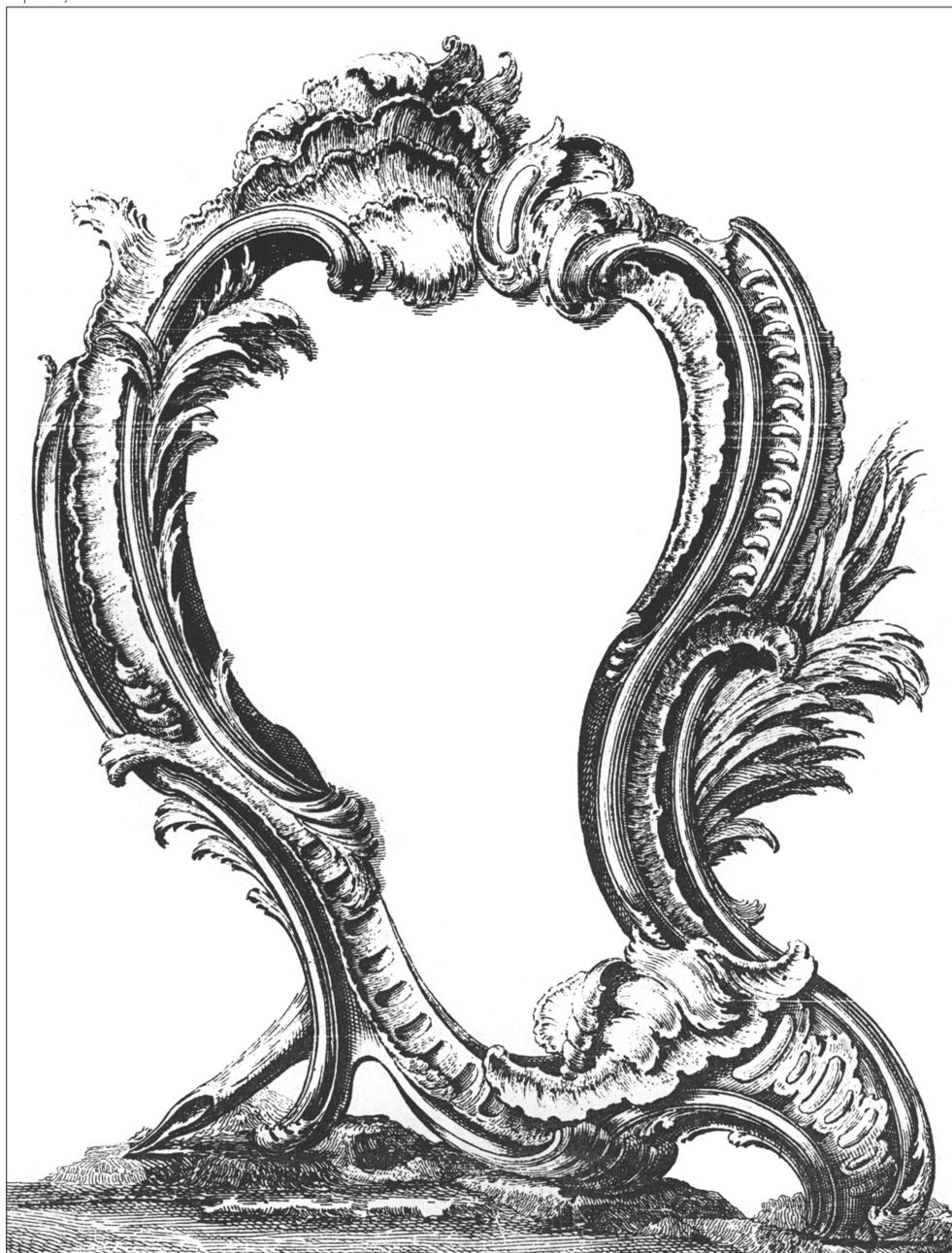
ROBERTO ACÍZELO DE SOUZA é professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Em anos mais recentes, no entanto, esse quadro apresenta bem-vindos sintomas de reversão. No plano de subsídios conceituais que nos habilitem a consumir e apreciar devidamente essas composições, hoje podemos contar com as contribuições importantes e iluminadoras de João Adolfo Hansen, Adma Muhana, Alcir Pécora, José Américo Miranda. Quanto ao acesso material aos textos, desde a publicação da antologia *Poesia Seiscentista* (São Paulo, Hedra, 2002), constituída por seleção criteriosa e represen-

tativa da produção reunida nas antologias seiscentistas mencionadas, se não está ele assegurado plenamente, tornou-se possível sem dúvida, pela extensão da amostra contida na publicação citada, intensidade de contato suficiente para que possamos entrar no *clima* desse universo discursivo.

Poesia de Agudeza em Portugal vem acrescentar-se a esse panorama de valorização das letras do século XVII pela reflexão universitária contemporânea no Brasil. Resultante de tese apresentada em 2004

Reprodução



Desenho de
folha de rosto
de códice
setecentista

no programa de pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, a obra não faz concessões a divulgação, destinando-se a leitores especializados. Isso não significa, absolutamente, que se trata de texto abstruso e ilegível, como certa maledicência antiacadêmica – e em geral jornalística – costuma (des)qualificar os trabalhos universitários. Em vez de hermetismos e pedantismos, segundo o estereótipo das teses, temos uma linguagem que, sem perder-se em complicações, salvaguarda, contudo, a complexidade do seu objeto, conduzindo com elegância de estilo as demonstrações técnicas que se propõe. Como, de resto, é próprio às teses de qualidade, caso sem dúvida da que ora nos ocupa.

O ensaio se acha segmentado em sete partes: uma introdução, as conclusões e cinco capítulos centrais.

Os dois primeiros capítulos se dedicam sobretudo à exposição dos fundamentos conceituais para uma compreensão da poesia do século XVII. O argumento básico é que o sentido geral dos discursos poéticos seiscentistas se tornou crescentemente obscuro – e portanto criticamente desvalorizado – a partir da sua rejeição árcade-iluminista na segunda metade do século XVIII, atitude reforçada com a consolidação da modernidade literária promovida pelo romantismo. A chave, pois, para um acolhimento compreensivo da produção poética dos anos de 1600 pressupõe familiarização com os códigos que a informam. Daí a necessidade de retorno aos repertórios crítico-normativos que nortearam essa poesia, constituídos sobretudo pelos tratados antigos de retórica e poética e sua descendência na tradição cultural do Ocidente até a centúria objeto do estudo.

E desse ambiente de noções e conceitos do âmbito retórico-poético o ensaio destaca a *metáfora*, tema central do capítulo 1, bem como, no capítulo 2, a *agudeza*, atualização de virtualidades da metáfora potenciadas muito especialmente na cultura ibérica do século XVII, a ponto de transformar-se na pedra de toque da arte poética de então no âmbito luso-castelhano.

Se os dois primeiros capítulos apresentam dominância teórica, nos três seguintes, embora sempre num andamento argumentativo em que a fundamentação conceitual acompanha de perto as análises pontuais empreendidas, predomina o matiz analítico. O terceiro se dedica ao estudo do gênero lírico, caracterizado pelo chamado “estilo mediano”. O quarto, por seu turno, concentra-se na poesia dita “ao divino”, pondo em relevo a idéia de letras como instrumento de edificação e espiritualidade, própria de concepções pré-iluministas – e portanto pré-estéticas – de arte. O quinto, por fim, ocupa-se com a sátira, o que torna oportuno a descrição e a problematização do conceito de decoro, uma das idéias-chave da codificação retórica então em vigor. Nesses três capítulos, em que, como dissemos, o registro mais abstrato da teoria cede vez à atenção pontual e concretizante a casos particulares, diversos poemas são submetidos a habilidosas análises, cujo principal procedimento talvez seja o cuidado de, com frequência, colocar-se em referência recíproca observações relativas a aspectos dos poemas – tanto formais quanto conceituais – e artigos do código poético presentes nos tratados retórico-poéticos da época.

Essa combinação bem-sucedida entre fundamentos teóricos e operação analítica de textos – bem-sucedida à medida que tais elementos, em vez de mecanicamente justapostos, acham-se fortemente integrados, num laço de dependência mútua – é certamente um dos pontos altos do ensaio. Saímos de sua leitura, assim, com a recompensadora sensação de que aquela poesia dos nossos ancestrais seiscentistas, que a nossa primeira educação literária apresentara como “estranha”, “hermética” e “de mau gosto” – é assim que as histórias literárias românticas despacham a poesia dita “barroca” –, afinal tem a sua legibilidade e dispõe dos seus encantos.

(Um último comentário façamos entre parênteses, para destacar a bela e charmosa solução gráfica da capa do livro, inspirada na apresentação típica dos volumes do tempo estudado, correspondente, como se sabe, à infância da imprensa.)